

Migrantes vivem em condições subumanas

Fátima Santos

Da Sucursal

Taguatinga — Cerca de cem pessoas, entre adultos e crianças, estão morando numa invasão ao lado da rodoviária de Taguatinga Norte em condições subumanas. As barracas de plástico — onde não é permitido ficar em pé — se misturam a montes de lixo e roupas estendidas, pequenas fogueiras usadas para preparar a comida e dezenas de crianças que brincam em meio ao entulho espalhado por toda a área. A maioria está vivendo no local há mais ou menos dois meses, mas alguns já ocupam o espaço há três anos.

Do pátio da rodoviária — onde os ônibus estacionam — só é possível visualizar uma pequena parte da invasão, formada por oito barracas encostadas à cerca que delimita o terminal. Chegando um pouco mais perto, a invasão adquire uma dimensão inesperada, apresentando um quadro de pobreza e abandono. São cerca de 30 barracas, cada uma com no mínimo cinco pessoas. Quase todos são migrantes vindos da Bahia, Ceará, São Paulo, Pernambuco e interior de Goiás onde também viviam em condições precárias, sem emprego e moradia. Brasília sempre surge como alternativa, segundo os próprios invasores contaram, “porque é a capital do País, tem mais dinhei-

ro e trabalho”.

As primeiras barracas da invasão são ocupadas por uma única família. Eles chegaram na cidade há três anos, vindos de Barreiras (BA), com a “cara e a coragem” e a fé de que conseguiram sobreviver em Brasília. Durante todo este período já constataram que “a vida por aqui também não está muito fácil”. Ednalva Alves Delmonde, uma das oito filhas de Antônio Adelino Alves Delmonde, vive em uma das barracas da “família”, com o marido e uma filha de oito meses. Outro filho do casal vive com a avó na Bahia e outro morreu recentemente. Ednalva, que está grávida de três meses, reclama da falta de assistência aos imigrantes e da precariedade da vida que está levando.

Segundo ela, a água é um dos principais problemas. Até algum tempo atrás eles enchiam os baldes no banheiro da rodoviária, mas essa prática foi proibida. A solução foi caminhar até um córrego, a uma distância de 1,5 quilômetros onde, além de pegar água para beber e cozinhar, todos os invasores tomam banho e lavam as roupas. A esperança de toda a família com crianças com menos de sete anos — “é ganhar um lote do Roriz”. Adelino Delmonde já esteve no Palácio do Buriti onde lhe disseram para ter paciência e esperar.

Esperança e miséria se unem

Há mais ou menos 20 dias, Cícero Pereira do Nascimento chegou de Santa Maria do Divino — pequena cidade no interior da Bahia — com toda a sua família composta por 11 filhos — cinco menores — a mulher e a mãe doente. Ainda na rodoviária ele recebeu informações de que em Taguatinga, perto da rodoviária, era permitido morar e que muitas famílias já estavam no local. A pessoa, que ele diz ser um funcionário da rodoviária, ainda indicou o ônibus que o conduziria ao novo endereço. Agora, ele e os filhos procuram trabalho mas só arrumaram alguns “biscates”.

Para Cícero, de qualquer forma a situação aqui ainda é melhor do que em Santa Maria onde passava fome e nem tinha mais esperança. “Aqui é a nossa capital, é o melhor lugar do Brasil”, avaliou com sotaque baiano. Essa opinião é compartilhada por quase todos os moradores.

Cleuza Francisca do Amaral, vive no local há mais de um mês com o marido “inválido” e qua-

tro filhos. Eles vieram do interior do Ceará para também tentar a sorte. Apesar das condições em que vivem, dividindo uma barraca, ela demonstrou entusiasmo com a cidade e mostrou “orgulhosa” as panelas e outros objetos que recebeu de presente de algumas pessoas. “O povo daqui é maravilhoso, eles entendem a nossa situação”, disse ela. Cleuza mostrou-se bem informada falando da situação do País no interior e nas capitais.

Saúde — Em função da falta de alimentação adequada, exposição ao frio intenso, proximidade com o lixo e falta de condições gerais de higiene, quase todos os moradores apresentam problemas de saúde, principalmente as crianças que, segundo as mães, tosse muito durante a noite, estão sempre com diarreia e alergias.

O mais novo morador da invasão é um recém-nascido de 13 dias, cujo nome ainda não foi escolhido pela mãe, Damiana Conceição Rodrigues, que já tem outros quatro filhos.

FOTOS: CARLOS MOURA



As barracas se misturam ao lixo, roupas estendidas, fogueiras e crianças, que brincam em meio ao entulho espalhado por toda a área

Invasor recebe ajuda do povo

Os moradores da invasão da Rodoviária se mantêm com a “bondade do povo” que sempre dá alguma ajuda em forma de comida, roupas e outros objetos. Quase todos estão desempregados e no máximo, realizam alguns “bicos” que rendem dinheiro suficiente para a alimentação de um dia. As 11h, a reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** verificou que os homens permaneciam nas barracas ou perambulavam pela área enquanto as mulheres preparavam a comida — quando tinham alimentos —, as crianças ficavam esquecidas, sem roupas e descalças, apresentando sinais de doenças, brigando entre si ou tentando encontrar algum brinquedo perdido no lixo.

Há 20 dias, algumas pessoas “do serviço social”, conforme os invasores, estiveram no local e desmontaram as barracas. Eles recolheram as lonas, mas não adiantou muito, porque os invasores arranjaram o mesmo material e permaneceram na área.